

Biodiverso

Edição 6 - Janeiro 2015

Alta no consumo incentiva a produção de banana sem veneno no Litoral Norte



Os grupos e associações certificados pela Rede Ecovida de Agroecologia estão comercializando aproximadamente 70 mil quilos de banana orgânica por semana. Em Mampituba, o curso teórico e prático **Princípios Básicos da Agricultura Ecológica** (foto) capacitou mais agricultores a produzir sem veneno.

Editorial

O aumento na demanda por banana orgânica aumentou também a confiança dos agricultores no manejo ecológico. Atualmente o Litoral Norte do Rio Grande do Sul conta com mais de 200 famílias produzindo a fruta sem venenos e adubos químicos.

Ainda não foi feita a conta para saber quanto fungicida e mata mato deixou de ser lançado no solo e nas águas dos rios, sangas e cursos de água da região. Outra conta que ainda está por fazer é quanto o Sistema de Saúde economiza quando os agricultores decidem

se poupar da exposição aos venenos. Mas quem fez a transição já calculou e aprovou os resultados.

O município de Mampituba, onde havia 20 anos somente alguns produtores como Dirceu Selau e Altemir Silveira da Costa (Tiriva), apostavam na ideia, hoje tem agricultores organizados, comercializando banana certificada. Nesta edição, conversamos com o agricultor Edgar da Silva Cristovan que garantiu que antes da transição, o custo de produção era bem maior. Confira na página 4.



Foto: Cristiano Motter

Expediente

Jornal Biodiverso

Edição n.5 - Janeiro /2015

Responsável: Miriam H Sperb

litoral@centroecologico.org.br

Publicação do projeto Ampliação e consolidação dos Sistemas Agroflorestais na Serra e Litoral Norte do RS

centroecologico.org.br

facebook.com/centro.ecologico

Banicultores ecológicos vendem 70 mil quilos de banana por semana

Menor custo de produção e mais na retorno na hora da venda atrai novas famílias para transição. Processo leva de dois a três anos e tende a evoluir para Sistemas Agroflorestais.

Desde o segundo semestre de 2014 o Litoral Norte do Rio Grande do Sul comercializa 70 toneladas de banana orgânica por semana. A maior parte, cerca de 50 toneladas, vai para uma rede de supermercados, por meio da Cooperativa do Grupo Ecológico Santo Anjo da Guarda (Coopergesa), de Três Cachoeiras. Outra parte é destinada ao Ponto de Safra, em Caxias do Sul, às cooperativas de consumidores Coopet e Ectorres e às feiras ecológicas de Torres, Porto Alegre e Canoas. A quantidade corresponde, por ano, a 5% de toda banana produzida na região que abrange Dom Pedro de Alcântara, Morrinhos do Sul, Três Cachoeiras e Mampituba, segundo dados do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul referentes ao período entre 2009 e 2011, e não contabiliza os volumes destinados à alimentação escolar.

“De uns cinco anos pra cá a comercialização do produto ecológico teve mais aceitação no mercado. As redes de mercado começaram a colocar os produtos orgânicos nas prateleiras e o consumidor tá consumindo”, afirma o agricultor Edgar da Silva Cristovan, do grupo Boa Esperança, de Mampituba.

O Boa Esperança é um dos cinco novos grupos do município e retrata um pouco do que vem ocorrendo na bananicultura de Mampituba. Há um ano a banana produzida pelas nove famílias do grupo conquistou a certificação orgânica pelo Sistema Participativo de Garantia (SPG) da Rede Ecológica de Agroecologia. A transição levou em torno de dois anos e meio. “A gente ficou fazendo curso, preparando o terreno, e até a cabeça da gente também”, recorda Edgar.

Antes da transição, a família usava adubo químico,



Este é um sistema agroflorestal (Saf) considerado avançado, na propriedade de Antonio Model, em Dom Pedro de Alcântara

fungicida e óleo mineral. Somente este último produto continuou a ser usado na banana orgânica, junto com cama de aviário e os plásticos para ensacar os cachos.

Custos eram maiores, avalia o produtor

“O custo era bem maior, acredito que quase que o dobro. Hoje o investimento é bem menor e a produção não é maior, mas também não é tao ruim assim, pensando em quantidade quilos. Em função do menor investimento e também do preço, o agricultor avalia que o retorno financeiro hoje está “bem melhor”.

“Embora que hoje a gente tem uma politica que o nosso produto tem que ser mais barato que o outro, estamos entregando a R\$ 1,40, o quilo, aqui na roça. O convencional está pagando menos de R\$ 1 real”.

Agricultora busca respostas na ecologia

Os R\$ 10 reais pagos para cada caixa de aproximadamente 20 quilos produzidos no bananal convencional de Elisa Carlos Schardosim confirma a informação de Edgar: cada quilo de banana convencional na roça é vendido a R\$ 0,50 centavos. O marido de Elisa usa veneno para matar o mato no bananal de três hectares na comunidade de Rio do Meio. Mas a busca de uma solução para bananeiras doentes levou a agricultora a participar de uma reunião sobre agricultura ecológica com o tecnólogo em Gestão Ambiental do Centro Ecológico Nelson



A produtora convencional Elisa Carlos Schardosim busca uma solução ecológica para bananeiras doentes em sua propriedade na comunidade de Rio do Meio, Mampituba

Bellé. “ Ela amarela e murcha. Sempre tinha uns pés doentes e depois começou a se espalhar”.

Segundo a agrônoma Cristine Abreu, o bananal de Elisa precisa de informações para descobrir a causa do problema e a partir daí corrigi-lo com técnicas ecológicas. Cristine também sugere a diversificação:

“Se conseguisse trabalhar além da banana, abóbora na bandeja, polpa de frutas e se organizar para vender direto (ao ponto de venda ou ao consumidor) porque ganha muito mais. E se tiver um grupo de três, quatro mulheres, pode se pensar em acompanhar”.

Agrônomo recomenda transição por etapas

Evolução para Sistema Agroflorestal (Saf) com espécies nativas e cultivos com ciclos diferentes de duração também contribuem para aumentar a renda das famílias.

O agrônomo André Gonçalves recomenda que a conversão do bananal convencional seja feita por etapas mudando gradativamente os métodos de controle de pragas, doenças e adubação. Este processo pode levar até três anos.

“Em geral, a orientação é que o agricultor reserve uma parte do bananal para a produção orgânica, principalmente aquelas áreas que produzem menos e, preferencialmente são isoladas. Aos poucos podem ir incorporando e substituindo os insumos, principalmente os fertilizantes químicos por adubos orgânicos”, pondera o especialista.

De acordo com Gonçalves, é comum a produção cair um pouco, mas em geral a redução é compensada na balança onde os insumos pesam menos ganhos na comercialização, mais.

“Na medida em que vão ganhando confiança, os produtores podem integrar outras áreas, até que toda a plantação de banana esteja completamente convertida para a produção ecológica”.

Outro ponto defendido por Gonçalves é a evolução do bananal orgânico para um Sistema Agroflorestal (Saf). Um dos maiores incentivadores dos Safs foi Jorge Vivan, Em cursos e palestras, o agrônomo apresentava casos reais de famílias que quintuplicaram a renda com o manejo agroflorestal.

“ Tem modelos para todos os gosto e demandas. Se a gente der uma mãozinha e tiver uns bichos espalhando as sementes, a floresta vem por ela mesma. Tem que usar a criatividade, ver nossas demandas econômicas”, disse Vivan em sua palestra no Festival do Açaí Jucara de 2012.